

GRUPO DE FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES NA ÓTICA DOS USUÁRIOS E PROFISSIONAIS DO CAPSi – CAMPINA GRANDE/PB.

Lucia Maria Patriota, Euclenes Felinto Medeiros, Mayara Thais Marques Andrade

Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Serviço Social, Rua Antonio Guedes, s/n, Catolé.

Resumo - A ação voltada para a família dos usuários dos CAPS é de fundamental importância, já que a família é o principal agente responsável pelo provimento do cuidado e a principal mediadora entre o portador de sofrimento psíquico e a sociedade. Esta ação nos CAPS, de modo geral, ocorre nos Grupos de Família. Assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições do Grupo de Família do CAPSi de Campina Grande/PB na ótica de seus usuários e profissionais. Compreendeu um estudo exploratório com abordagem qualitativa. A coleta de dados utilizou a entrevista semi-estruturada e para tratamento dos dados a análise de conteúdo. Para os usuários, o Grupo de Família é de grande relevância, pois possibilita que eles tirem suas dúvidas, exponham suas preocupações, sejam ouvidos e aprendam com as histórias e vivências dos outros familiares. Já os profissionais destacam a riqueza do Grupo, por ser este o principal espaço de cuidado dos cuidadores.

Palavras-chave: Grupo de Família, CAPSi, Saúde Mental

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

No Brasil, as críticas ao modelo manicomial ocorreram a partir dos primeiros anos da década de 1970, com a finalidade de atacar a enorme quantidade de internações e os maus tratos sofridos pelas pessoas consideradas loucas. Em 1978, a criação e organização do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) possibilitaram que o ideário da Reforma Psiquiátrica brasileira se expandisse por todo país.

Nesse contexto de superação da instituição manicomial surgem os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que objetivam, principalmente, realizar serviços de atenção diária e promover inserção social dos usuários por meio de ações intersetoriais.

A proposta dos CAPS ainda inclui a família dos usuários. Esta ação é justificada pelo fato dos cuidadores também precisarem ser ouvidos, acolhidos, acompanhados e esclarecidos sobre o tratamento e sobre os direitos dos portadores de transtorno mental. A fragilidade dos cuidadores é inegável. Eles vêm seu espaço invadido pelas demandas de provimento de cuidado, têm seus planos e projetos pessoais obstruídos pelas necessidades da pessoa com transtorno mental.

Nesse contexto os Grupos de Família constituem-se principalmente de reuniões com famílias e responsáveis dos usuários dos CAPS, com os objetivos de se construir laços de amizade e solidariedade entre os cuidadores, debater sobre as dificuldades em comum, enfrentar e superar os problemas que aparecerão durante o tratamento, orientar e esclarecer os familiares sobre a doença,

seus questionamentos e o próprio projeto terapêutico

Durante o Estágio Supervisionado em Serviço Social no CAPSi - Centro Campinense de Intervenção Precoce, percebeu-se que o referido Grupo constituía-se em um dos campos de intervenção do Serviço Social e que correspondia ao principal ambiente posto aos cuidadores na instituição. Diante disto, viu-se a necessidade de se fazer uma análise do Grupo contemplando tanto a opinião de seus usuários quanto de seus profissionais com a finalidade de descobrir suas contribuições no tratamento das crianças/adolescentes assistidos pelo referido serviço.

Desta forma, o presente estudo teve por objetivo analisar as contribuições do Grupo de Família da referida instituição na ótica de seus usuários e profissionais.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem exploratória e qualitativa e foi realizada no CAPSi – Centro Campinense de Intervenção Precoce de Campina Grande/PB.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e dezembro de 2009 e utilizou-se da entrevista semi-estruturada.

Os sujeitos da pesquisa foram os usuários do Grupo de Família cujas atividades ocorriam nas terças-feiras à tarde - mesmo possuía aproximadamente 17 pessoas - e todos os profissionais do CAPSi que coordenavam no período as atividades dos Grupos de Família,

correspondendo a quatro psicólogas, duas assistentes sociais e uma fisioterapeuta.

Cabe destacar que a pesquisa obedece a Resolução 196/96, preconizada pelo Conselho Nacional de Saúde, referente à garantia aos entrevistados do total sigilo das informações prestadas e do anonimato.

Resultados

Por meio das entrevistas com os usuários do Grupo de Família, foi possível perceber como os cuidadores apreendem este espaço. Nas suas falas, eles demonstram que o Grupo oferece apoio emocional, sendo um espaço para que eles possam falar das suas maiores dificuldades, do que vivenciam e enfrentam. É um momento em que eles, à medida que falam sobre suas vidas, retiram um pouco do peso e da sobrecarga do cuidar de uma pessoa com transtorno mental e recebem um suporte emocional que auxilia no enfrentamento da doença. Neste aspecto, apresentam-se as seguintes falas:

[...] significa assim, que a pessoa fica, quando quer desabafar alguma coisa, né? Desabafa ali. Diz alguma coisa de casa, né? Conversa com as meninas. Partilha os conflitos, né? E as alegrias, né? (Usuário 01).

Eu acho muito bom, porque a pessoa fica informada, às vezes tá com um problema, a gente fala, desabafa, né? (Usuário 09).

O Grupo de Família também é percebido como um espaço no qual os cuidadores podem aprender mais sobre o transtorno mental, as particularidades de cada caso, aprender a melhor forma de cuidar de seu parente adoecido psiquicamente, como agir frente a certas atitudes próprias do transtorno mental. Esse é o principal momento que as famílias podem tirar suas dúvidas sobre o tratamento, informando-se sobre as oficinas que seus parentes estão inseridos e sobre os objetivos das mesmas. Esta compreensão pode ser observada nas seguintes falas:

Eu acho que esse Grupo de Família é muito interessante pra gente desenvolver o tratamento do menino, né? Porque a gente vai aprender alguma coisa, a gente às vezes tá fazendo tudo errado. Aí esse Grupo de Família serve pra gente tirar algumas dúvidas, como entender o que a criança entende, conversar. É isso tudo! É isso que eu acho! É muito interessante

mesmo! É a melhor coisa que inventaram (Usuário 03).

É importante para debater sobre a criança, o comportamento, pra se informar, ter mais informações (Usuário 04).

Logo no começo eu não gostava não, mas agora eu gosto muito. E eu tô aprendendo muito, tiro minha dúvidas quando eu não sei assim como lidar com Camila, essas coisas [...] Eu acho muito importante! (Usuário 07).

As falas dos usuários ainda revelam que estes vêem o Grupo como um momento de troca de experiências e informações entre os próprios usuários. É na vida e história do outro, é no ouvir ao outro que se devem buscar soluções para as dificuldades mais frequentes. Conforme Melman (2006, p. 104), "Ao problematizar suas questões, os membros dos grupos podem se lançar à procura de uma estratégia [...] para permitir aos integrantes da experiência explorar suas possibilidades".

Na análise das falas dos profissionais que coordenam os Grupos de Família do CAPSi, observa-se alguns aspectos que estão em concordância com a opinião dos usuários da instituição.

Um deles é a percepção do citado Grupo como um espaço de troca de experiências entre seus membros, no qual tanto os usuários aprendem com os usuários, quanto os profissionais também ganham e aprendem com os próprios usuários do serviço. Algumas famílias muitas vezes passam por situações parecidas e ouvir como alguém resolveu um determinado problema, contribui para que outra também resolva a partir da vivência e experiência da primeira. Desta forma, muitos erros são evitados e prevenidos. Sobre esse aspecto, destacam-se as seguintes falas:

Esse grupo faz com que eles cresçam como pessoa e também a vivência de cada um individualmente muitas vezes ajuda na mudança do comportamento de outros mais dependentes, que tenha medo de tudo, a criança não pode brincar, a criança não pode sair só. E quando outra relata que a criança saiu, que a criança se comportou, passa certa segurança e mãe que agia o contrário, fica mais segura e já inicia, já começa um novo olhar pra uma nova rotina (Profissional 01).

As falas dos profissionais ainda revelam que o referido Grupo compreende um espaço que possibilita a reflexão das famílias sobre a realidade, a sociedade, o preconceito e suas formas de enfrentamento.

Esse Grupo de Família é um grupo muito importante pra realidade CAPSi, porque é um momento onde o pai ou a mãe daquela criança reflete um pouco sobre a realidade, sobre o crescimento do seu filho, sobre as dificuldades paralelo com a sociedade, os preconceitos (Profissional 01).

Alguns dos profissionais entrevistados, em concordância com os usuários, também percebem o Grupo como um espaço que possibilita ao cuidador ser ouvido, tirar suas dúvidas, falar da criança/adolescente, levando o serviço a conhecer melhor cada usuário. Pode-se visualizar esta questão nas seguintes falas:

Bom, o Grupo de Família pra mim é importante, porque não adianta a gente trabalhar só com a criança, tem que ter a participação da família e é neste Grupo de Família que a gente vai também conhecer mais a história da criança (Profissional 02).

A carência que essas famílias têm de ser escutadas, de ser, de ter o diálogo aberto, de tirar as suas dúvidas, de esclarecer a ansiedade que todos eles trazem, a insegurança, o medo, o preconceito (Profissional 03).

Um dos pontos mais interessantes das entrevistas dos profissionais refere-se à importância que estes dão à participação da família no tratamento. Rosa (2009) denomina os cuidadores de “atores estratégicos” no cuidar e na formação da opinião pública sobre o significado social do portador de transtorno mental.

[...] Porque assim, o Grupo de Família na verdade eu acho que é uma ferramenta que a gente tem que ter dentro do CAPSi, né? Porque a gente sabe que os grandes problemas das crianças que estão aqui, às vezes o nó está na família. Então, assim, a partir do momento em que a gente começa a trabalhar a família, até porque não existe tratamento sem a participação

da família, né? Não existe! Então assim, este grupo é, é a oportunidade que a gente tem de ver o comportamento das mães, as dificuldades, a fala de cada uma vai ajudar as outras, né? (Profissional 05).

Como é percebido nas falas dos entrevistados, o referido Grupo sempre é definido como um espaço democrático, reflexivo e de aprendizagem. O que é mais mencionado pelos cuidadores entrevistados sobre a contribuição do Grupo trata-se da questão do suporte emocional. A família que possui uma criança/adolescente em casa com transtorno mental já se encontra sobrecarregada emocionalmente, necessitando de apoio. Assim, é no Grupo de Família que eles encontram essa ajuda, encontram pessoas que os compreendem, os escutam, lhes dão a atenção precisa e, por fim, junto com eles, tentam achar as soluções mais adequadas para seus problemas.

[...] alivia o meu problema que eu estou sentindo naquele momento, né? Alivia, né? Se alguma coisa que está me angustiando, (Usuário 01).

A sobrecarga emocional afeta o convívio, o cotidiano e o tratamento no serviço. Este é um assunto que preocupa todos os profissionais e que está presente em praticamente todas as reuniões do Grupo de Família e no discurso da maioria dos usuários, o que vem ainda mais a corroborar a necessidade de se trabalhar a família, de se cuidar do cuidador. De acordo com Soares; Munari (2007), esta sobrecarga evidencia a vulnerabilidade da família e o quanto todas as áreas são afetadas pelo transtorno mental.

Discussão

O Grupo de Família corresponde a um espaço de troca de experiências. Nele, os cuidadores vão observar no outro, na história do outro a melhor forma de lidar com os problemas cotidianos do convívio com o transtorno mental.

É fundamental destacar que o Grupo de Família permite aos cuidadores se conhecerem, trocarem experiências, formando um caminho enriquecedor para todos os membros. Esta participação tem se mostrado um valioso instrumento capaz de dinamizar o cuidado e expandir o potencial terapêutico, ampliando-se a força da instituição e dos atores envolvidos.

A troca de experiências resulta no acúmulo de histórias e vivências de seus usuários; no surgimento de novos sentidos que amenizem o

cotidiano da doença mental; na ampliação da capacidade de seus usuários em lidar com problemas; na diminuição da sensação de isolamento, de que eles estão sozinhos e que ninguém os entende.

Conclusão

Após análise das entrevistas realizadas, chegamos a várias conclusões, das quais destacamos as mais relevantes. Tanto os usuários do Grupo de Família quanto seus profissionais apresentaram as mesmas opiniões sobre alguns aspectos, como o significado e relevância do Grupo. Ambos afirmam que o mesmo apresenta como uma de suas principais características o fato de possibilitar a troca de experiências entre seus membros por meio do falar sobre sua vida e ouvir sobre a realidade do outro. Os usuários criam verdadeiros laços afetivos e de confiança dentro do Grupo que os auxiliam no cotidiano do tratamento.

Outra questão apontada por ambos, corresponde a oportunidade da família conhecer, através das reuniões, mais sobre a patologia de seus parentes. A partir da apreensão deste conhecimento, o cuidador passa a perceber o transtorno mental sobre uma nova ótica, facilitando o convívio com seu parente adoecido e contribuindo para enfrentar os problemas mais decorrentes.

Uma das principais conclusões desta pesquisa refere-se à necessidade de se cuidar do cuidador. Sabendo-se que o convívio com um portador de transtorno mental ocasiona sobrecarga física, emocional, econômica na família, ficando esta naturalmente fragilizada. Desta forma, o cuidador necessita de apoio, precisa ser cuidado, o que ratifica a criação do Grupo de Família nos CAPS como parte essencial do serviço.

Referências

AMARANTE, P. A. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, 2004.

MELMAN, J. **Família e doença mental: Repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

ROSA, L. C. dos S. A família como usuária de serviços e como sujeito político no processo de Reforma Psiquiátrica. In: VASCONCELOS, E. M. (Org.). **Abordagens psicossociais, volume III: perspectivas para o Serviço social**. São Paulo: Hucitec, 2009, v. III, p. 159-182.

_____. **Transtorno Mental e o Cuidado na Família**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOARES, C. B.; MUNARI, D. B. Considerações acerca da sobrecarga em familiares de pessoas com transtornos mentais. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 6, p. 357-362, 2007.